

A ATUAÇÃO DOS COMANDANTES DE FRAÇÃO PARA IMPLEMENTAR O CONCEITO DA “TROPA COMO SENSOR DE INTELIGÊNCIA” NAS OPERAÇÕES MILITARES DE NÃO GUERRA





Roberto Pietko Bothona

Maj de Cavalaria do Exército Brasileiro – Academia Militar das Agulhas Negras. Bacharel em Ciências Militares – Academia Militar das Agulhas Negras. Pós Graduado em Operações Militares – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.



Leandro Chyczy

Cap de Artilharia do Exército Brasileiro – Academia Militar das Agulhas Negras. Bacharel em Ciências Militares – Academia Militar das Agulhas Negras. Mestre em Operações Militares – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

1 INTRODUÇÃO

A incorporação de adventos tecnológicos de elevada capacidade ao trabalho da Inteligência das Fontes Humanas (*HUMINT*) potencializou o poder de obtenção do dado, contribuindo para a redução das incertezas, aprimoramento do fluxo e integração realizados pelo analista de inteligência e, conseqüentemente, para o controle da narrativa dominante, à medida que os danos colaterais relacionados ao processo de tomada de decisão são minimizados.

Atento a este novo cenário e buscando sua modernização doutrinária, o Exército Brasileiro (EB) incorporou o conceito de que “todos os integrantes de uma Força Armada moderna são sensores de inteligência” (BRASIL, 2015) e, portanto, essenciais na coleta e busca de dados sobre o Terreno e o Inimigo.

O referido conceito, atualmente consolidado no Exército dos Estados Unidos da América “*Every Soldier is a Sensor*” (ES2), é sustentado na premissa básica da necessidade de que tropas não especializadas, desdobradas no terreno, possuam instruções básicas que padronizem procedimentos e capacitem a Fonte Humana no tocante a coleta bem como difusão de dados de maior valor agregado ao Escalão Superior.

2 A INTELIGÊNCIA MILITAR NO EXÉRCITO BRASILEIRO

O Exército Brasileiro vem passando por inúmeras atualizações doutrinárias, incluindo a reestruturação da atividade de inteligência em todos os níveis. O advento do combate em Amplo Espectro, com demandas multifacetadas e um fluxo de grande volume de informações de forma rápida e simplificada,



como por exemplo, a larga utilização dos telefones celulares como meio de comunicação, a Força Terrestre (F Ter) vem buscando desenvolver sua capacidade de coleta de dados de Fontes Humanas (HUMINT) por tropas não especializadas nesta atividade.

O dinamismo das operações militares de qualquer natureza, gera demandas e necessidade de dados envolvendo seis funções de combate (Comando e Controle, Movimento e funções de combate são ferramentas conceituais para relacionar, agrupar, descrever e coordenar as atividades da Força Terrestre, as quais facilitam o planejamento e a execução das operações, além da instrução e do adestramento das unidades no nível tático (BRASIL, 2015, p.2-1).

A Função de Combate Inteligência é orientada pelas Necessidades de Inteligência (NI) que são os conhecimentos específicos estabelecidos pelo comandante em função da missão que a tropa cumprirá. As NI do comandante são satisfeitas pelos conhecimentos de que ele precisa dispor relativos ao terreno, inimigo, condições climáticas e meteorológicas e considerações civis, para cumprir a missão com êxito (BRASIL, 2015), obtendo dados necessários por meio de um esforço de obtenção (adaptado ao escalão de emprego) e os analisa e integra, apoiando a decisão (BRASIL, 2015, p2-2).

Para que estas necessidades sejam atendidas e atualizadas, é desenvolvido um Ciclo de Produção do Conhecimento. Este ciclo prevê uma sequência de processos para que os dados obtidos sejam transformados em conhecimento e estejam disponíveis para o assessoramento da tomada de decisão do comando de uma operação. Este ciclo é o motor da função de combate Inteligência, envolvendo direta e indiretamente todos os integrantes da Força. É formado por quatro fases:

orientação, obtenção, produção e difusão (BRASIL, 2015, P.4-1).



Figura 1- Ciclo da Inteligência

Fonte: BRASIL, 2015, p.4-1

A Orientação é a primeira fase do ciclo, a partir da qual o Estado Maior da força enquadrante apresenta as NI que deverão ser levantadas visando assessorar o comando (BRASIL, 2005, p.3-20).

A partir de então, inicia-se a fase da Obtenção, que consiste na exploração sistemática ou episódica de todas as fontes de dados (fontes humanas, cibernéticas etc.), coleta de informações pelos órgãos de obtenção e entrega do material obtido aos órgãos de análise, encarregados de sua transformação em Conhecimentos de Inteligência (BRASIL, 2005, p 3-21).

As Organizações Militares de todas as naturezas que, por sua localização, ou missão, possam obter dados e informações que atendam às necessidades citadas, poderão ser acionadas, participando assim, da fase de obtenção (BRASIL, 4 2015, p.4-3). Por consequência, todos os militares têm capacidade de atuar como sensores de Inteligência, participando da fase da Obtenção.



Figura 2- Exploração tática por militares não especializados

Fonte: Exército Brasileiro

3 O MILITAR NÃO ESPECIALIZADO COMO SENSOR DE INTELIGÊNCIA DE FONTES HUMANAS NO EB

A Fonte Humana é aquela na qual os dados e informes obtidos, para a produção posterior de conhecimento de Inteligência, provêm de pessoas. Essas fontes podem ser amigas, neutras ou hostis, podendo ser prisioneiro de guerra, refugiado, deslocado, população local, forças próprias ou amigas e membros de instituições governamentais ou organizações de qualquer tipo. (BRASIL, 2015, p 3-1).

O dado coletado proveniente da Fonte Humana possui a característica de serem obtidos de forma visual e oral, habilitando todos os militares a serem sensores de inteligência. Para isso, os militares devem ser orientados e habilitados a realizarem este tipo de atividade.

Esta habilitação é confirmada no Manual de Fundamentos EB20-MF-10.107 INTELIGÊNCIA MILITAR TERRESTRE (BRASIL, 2015), onde é ressaltado que todo integrante da Força Terrestre (F Ter) é um sen-

sor de Inteligência e que é interessante que algumas frações da tropa tenham instruções de técnicas Op *HUMINT* básicas para contribuir com o esforço da Produção do Conhecimento (BRASIL, 2015, p. 3-1).

Os novos manuais, entretanto, apesar de adotarem o conceito de que todo militar é um sensor de inteligência, não padronizam e tampouco orientam como o comandante de fração deve direcionar seus subordinados não especializados na coleta de dados e como deve ser realizada a transmissão destes dados coletados no ambiente operacional.

Os novos manuais, entretanto, apesar de adotarem o conceito de que todo militar é um sensor de inteligência, não padronizam e tampouco orientam como o comandante de fração deve direcionar seus subordinados não especializados na coleta de dados e como deve ser realizada a transmissão destes dados coletados no ambiente operacional.

Segundo o General de Brigada Carlos Augusto Ramires Teixeira, a participação



dos militares não especializados na obtenção de dados de inteligência é irrelevante. Diversas causas foram apontadas, mas a principal baseia-se na falta de orientação e conscientização apresentada pelos militares acerca da importância deste tipo de atividade. Esta causa é reforçada ao verificarmos que a participação da 2ª Seção (Inteligência) nos exercícios ou operações militares é colocada, na maioria das vezes, em segundo plano, não estimulando os militares da unidade a agirem como meio de obtenção nem participando da realização do Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis (PITCIC).

Partindo dessa afirmação, observa-se que vem sendo inexistente o trabalho mental de levantamento das possibilidades e deficiência do inimigo, seja ele hipotético ou não, no âmbito do adestramento da tropa convencional. Esse fato ocasionou a negligência gradativa acerca da percepção da inteligência como fator integrante do fluxo de dados no campo de batalha. As iniciativas de integrar as atividades de inteligência às operações de adestramento na tropa costumam ser pontuais e acabam por depender do perfil do comandante de fração.

Por outro lado, nos estabelecimentos de ensino, os Planos de Disciplinas sofreram atualizações recentes, onde a matéria Inteligência foi inserida na grade curricular das escolas de formação com o intuito de solidificar na “ponta da linha” a ideia de que todo militar é um sensor de inteligência e de tornar esta atitude presente no adestramento.

Cabe pontuar que os Planos de Disciplina contemplam, atualmente, apenas uma visão superficial, rápida e teórica da atividade de inteligência e do Sistema de Inteligência do Exército (SIEx), além de uma breve orientação acerca da confecção de documentos de inteligência. Não

são contempladas, por exemplo, orientações fundamentais como as boas práticas durante as operações que a tropa esteja desdobrada no terreno para potencializar e orientar a coleta de informações do Ambiente Operacional.

4 O EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS E O PROGRAMA “EVERY SOLDIER IS A SENSOR”

Segundo o Major Michael S. Patton, o Exército dos Estados Unidos da América (US ARMY) após diversas experiências de combate, principalmente nos conflitos pós Guerra Fria, onde surgiram diversos grupos terroristas que agem globalmente e de forma assimétrica, chegou à conclusão de que o militar desdobrado no Ambiente Operacional é a ferramenta de coleta de dados de inteligência mais eficiente e sofisticada, capaz de garantir que o US ARMY identifique e destrua alvos compensadores de qualquer inimigo.

Para potencializar e conseguir extrair o máximo de informações possíveis, o US ARMY vem desenvolvendo o projeto “TODO SOLDADO É UM SENSOR”³. Este projeto consiste em extinguir a existência de uma Área de Retaguarda, e inserir todos os soldados em um Ambiente Operacional dinâmico, onde a coleta de informações é incessante (PATTON, 2004).

Com o objetivo de consolidar a sua dominância na produção de conhecimento do Ambiente Operacional, o US ARMY necessitou treinar, integrar e padronizar a atuação de seus militares durante as operações militares. Para isso, de acordo com PATTON (2004), o US ARMY TRAINING AND DOCTRINE COMMAND (TRADOC) iniciaram os trabalhos de instrução e preparo, com o objetivo de treinar todo militar para que de forma proativa observe, dentro do Ambiente Operacional, detalhes relativos às Necessidades de Inteligência (NI) do Escalão Superior e relate de forma



eficiente suas observações, percepções e julgamentos de forma concisa e precisa e preparar os comandantes de fração em como otimizar, processar e disseminar os dados colhidos de forma oportuna.

Este programa consolida a ideia força de que o desenvolvimento da atividade de inteligência não é de responsabilidades apenas dos Operadores *HUMINT* e sim de todos os militares envolvidos em uma operação. Todos devem estar envolvidos na luta pelo conhecimento e na conquista e manutenção da consciência situacional dos decisores.

Com intuito de atingir os objetivos propostos neste programa, o *US ARMY* desenvolveu diversas bibliografias oficiais que adaptam as técnicas operacionais de *HUMINT* para a utilização de suas tropas durante:

- **Patrulhas:** A condução de patrulhas de combate, reconhecimento ou logística oferecem oportunidades de observar e elicitam informações necessárias para a

manutenção da consciência situacional dos decisores e atender às Necessidades de Inteligência (NI).

- **Exploração tática de áreas:** A Exploração Tática de ambiente se desenvolve através da revista minuciosa em um local ou área específica (apartamentos, construções, estruturas, galpões e campos) com objetivo de encontrar materiais, documentos (mapas, material de propaganda, registros telefônicos e fotografias) e equipamentos (computadores, celulares, armamento e outros equipamentos eletrônicos) que tenham valor para a atividade de inteligência.
- **Interações com a população local:** A interação com a população local possibilita que o militar obtenha informação de valor imediato através de uma simples conversação a qual é balizada pelas regras de engajamento padronizadas pelo escalão superior com a interação direcionada em prol das necessidades de Inteligência, porém, sem revelar o real motivo e objetivo da conversação.



Figura 3- Tropa interagindo com população local

Fonte: Exército Brasileiro



- **Questionamento tático de detidos:** O Questionamento Tático de detidos é realizado com o objetivo de obter em tempo oportuno dados táticos de inteligência de uso imediato. Ele é realizado durante ou logo após a captura sempre observando os preceitos acordados nas Convenções de Genebra.
- **Condutas com prisioneiros de guerra:** Todo o material encontrado com detidos e prisioneiros de guerra deve ser confiscado e evacuado para ser explorado por militares de inteligência. Para isso todo material deverá ser catalogado, segundo o manual EUA, 2004, p4-3, constando: Data/Hora da Captura; Identificação de quem o portava; Unidade a que pertencia; Unidade que capturou; Localização da captura e Descrição Sumária.
- **Utilização de tradutores em operações:** O uso de intérprete deve ser sempre orientado e conduzido de forma a propiciar a maximização da coleta de dados de inteligência, para isso, o seu emprego deve ser planejado e muito bem conduzido. Com a realização de treinamentos apropriados e com o decorrer das operações, esta nobre ferramenta que domina o idioma e a cultura local poderá passar para o seu comandante informações acerca da linguagem corporal apresentada pela população local, se há coerência nos dados coletados com habitantes locais, se o que é encontrado no Ambiente Operacional está dentro ou fora a normalidade.

4. O COMANDANTE DE FRAÇÃO NA POTENCIALIZAÇÃO DA COLETA DE INTELIGÊNCIA NO AMBIENTE OPERACIONAL

É de extrema importância que o Comandante da Fração tenha consciência que, em cada lugar que a tropa dele for desdobrada, haverá diferentes características sociais e regionais que poderão afetar a comunicação de sua tropa com os habitantes locais.

Durante o transcorrer das missões, o comandante de fração deve realizar uma

seleção das NI de acordo com as prioridades recebidas do Escalão superior e classificá-la se é oportuno e necessário o envio imediato dos dados coletados.

O comandante de Fração deve incentivar e realizar atividades com seus subordinados para que todos tenham um conhecimento refinado em relação à cultura local. Todos os militares deverão estar familiarizados com o ambiente ao seu redor, isto inclui seus habitantes e a infraestrutura disponível no local, a ponto de estar em condições de identificar mudanças sutis na rotina do Ambiente Operacional.

De acordo com EUA, 2007, p.3-11, há 04 níveis em que os dados coletados pela tropa devem ser classificados. Estes níveis asseguram e determinam, por prioridade, o momento adequado de envio dos dados para o Escalão Superior:

- **1º Nível** - Dados táticos – Dados de valor crítico, são reportadas imediatamente para a 2ª Seção, durante a operação. São utilizados os canais de comunicação previstos e disponíveis pela Ordem de Operações.
- **2º Nível** – São reportados assim que findada a operação logo após a condução de uma Avaliação Pós-Ação imediata. Este nível de dado estará contido em um relatório de missão.
- **3º Nível** – São dados que necessitam um melhor entendimento. Após a leitura do relatório de missão, o S-2 conduzirá um *debriefing* abordando os pontos de interesse elencados para maior detalhamento.
- **4º Nível** – Dados que estão nos relatórios e necessitam de esclarecimentos tardios. (EUA, 2007, p.3-11).

Para repassar os dados para o escalão superior (imediatamente ou via relatório de missão), é necessário responder às seguintes questões:

- **Dimensão/Quem:** Expressar a quantidade/escalão ou o tamanho da tropa



encontrada. Se forem encontrados mais de um escalão, reportar de forma detalhada. Tropas irregulares serão reportadas de acordo com a missão que estão desempenhando.

- **Atividade/O quê:** Este é o ponto focal do reporte. Onde são respondidas as Necessidades de Inteligência ou novas necessidades ainda não elencadas. O relato deve ser conciso e objetivo.
- **Localização/Aonde:** Geralmente é realizada por coordenadas geográficas, podendo ser realizado por endereço, se a situação permitir, porém deve incluir obrigatoriamente as coordenadas deste endereço. Se a localização se refere a um deslocamento de tropas, deve ser incluído o local da partida e o local da chegada.
- **Unidade/Quem:** Identificar quem está realizando o que foi descrito no campo Atividade/ O quê. Deve incluir a designação completa da unidade, grupo civil, grupo insurgente ou nomes completos se disponíveis.
- **Tempo/Quando:** Se forem relatar dados relativos a um evento futuro, colocar quando a atividade irá iniciar. Para eventos passados incluir quando ocorreu e quando terminou o evento. Quando se refere a fatos com realização temporal frequente, porém limitada, reportar a data do último ocorrido.

- **Equipamento/Como:** Tem o objetivo de elucidar, completar e expandir as informações já relatadas. Neste campo incluem-se informações acerca do equipamento, táticas utilizadas e qualquer outro método observado utilizado pelo inimigo.
- **Observações:** Explora-se a fonte desta informação, se for uma pessoa, incluir seu nome, endereço (com coordenada), rede social, data e local que a informação foi fornecida. Anexar imagens de carta ou de satélite das coordenadas citadas no campo Localização/Aonde, bem como rascunhos e esboços confeccionados na operação. (EUA, 2007, p.3-13).

A classificação dos dados coletados em 04 níveis, facilita a análise e a disseminação dos dados em tempo oportuno para uma análise especializada, aumentando a capacidade de atualização da consciência situacional do Comando e otimizar os planejamentos de operações futuras.

É necessário um esforço de todos os Comandantes de Frações, nos diversos escalões, para que esta atividade seja potencializada e realizada de forma oportuna e eficaz. Para isso é vital que a coleta e o reporte dos dados sejam treinados e realizados durante a condução das operações.

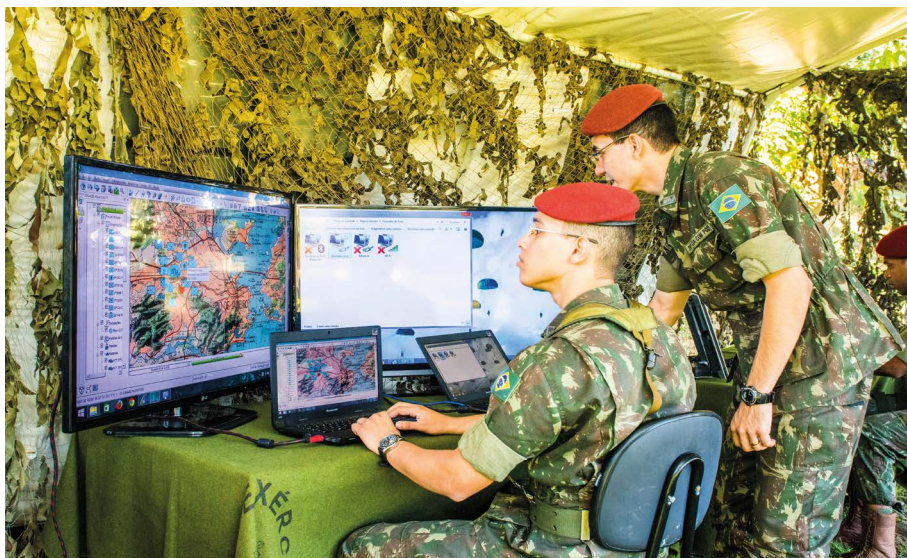


Figura 4- Coleta e reporte de dados durante as operações

Fonte: Exército Brasileiro



Durante o planejamento, preparação e a execução das operações, os comandantes de pequenos escalões (esquadras, seções e grupos de combate) devem incluir o treinamento de questionamento tático de detidos, a condução de prisioneiros de guerra, a interação com a população local e a exploração tática de área.

É essencial que os comandantes de pequenas frações estejam inteiramente preparados para reportar as informações coletadas imediatamente (informações de valor tático) ou, após o término da atividade, mediante relatório de missão. (EUA, 2004, p.5-1)

Já os comandantes de pelotões devem incluir em seus planejamentos, tarefas e orientações para seus subordinados baseados nas Necessidades de Inteligência do escalão superior. É de extrema importância que haja uma colaboração com o S2 da unidade na condução das atividades de **debriefing**, fiscalizando que todos os integrantes do pelotão participem. A todo momento deverá se certificar que os procedimentos de reporte imediato de dados táticos estejam sendo cumpridos. (EUA, 2004, p.5-1)

Portanto, os comandantes de frações devem possuir consciência situacional do Ambiente Operacional e devem estar preparados tecnicamente para atuarem como sensores e conduzirem os subordinados na execução das diversas atividades. Dessa forma o ciclo da inteligência estará consolidado e o fluxo de informações será eficiente e de qualidade.

5. CONCLUSÃO

O emprego de militares atuando como sensores de inteligência no ambiente operacional, independente da arma, quadro ou serviço, é uma realidade.

Apesar da remodelação doutrinária que está em curso, onde é inserida a necessidade de coleta de dados de inteligência por todos os militares, há uma discre-

pância entre o que se espera das frações desdobradas no Ambiente Operacional e o que é sistematizado e executado. Desta maneira, há uma necessidade de que o Exército Brasileiro atualize o adestramento e o emprego de seus meios para que seja alcançada a eficiência esperada.

É mister que haja um estudo aprofundado, testes de aplicabilidade e intercâmbio educacional acerca da aplicabilidade do conceito doutrinário empregado pelo Exército dos Estados Unidos da América de que **“EVERY SOLDIER IS A SENSOR”**, com o objetivo de melhorar a capacidade do Exército Brasileiro de manutenção da consciência situacional.

Melhorias na instrução na formação de todos os militares do Exército Brasileiro, desde o Programa Padrão de Instrução Básica dos soldados, na formação dos Sargentos e dos Aspirantes nas Escolas Militares e nas Escolas de Aperfeiçoamento de Oficiais e Sargentos se fazem necessárias. Estas atualizações curriculares proporcionarão conhecimentos básicos sobre Inteligência Militar através da inclusão de novas instruções teóricas e práticas.

Torna-se fundamental que o adestramento seja contínuo para que o conceito de que **TODO MILITAR É UM SENSOR DE INTELIGÊNCIA** seja consolidado nas Operações Militares do Exército Brasileiro, resultando em uma otimização do ciclo de produção do conhecimento.

Verifica-se, portanto, que, para acompanhar a evolução do combate e aproximar-se do que há de mais moderno nos exércitos da atualidade, o Exército Brasileiro necessita atualizar e otimizar o fluxo de informações desde a coleta de dados, realizada pela tropa desdobrada no terreno, até os analistas, que realizarão a avaliação dos dados coletados como objetivo de assessorar o escalão superior de forma mais rápida e eficaz, garantindo a manutenção da oportunidade dos dados e conseqüentemente uma melhor atualização



da consciência situacional do decisor. Todos os militares possuem a missão de batalhar para a conquista do conhecimento.

REFERÊNCIAS

1. BRANDÃO, J. E. M. D. S.; IZYCKI, E. A. **Desafios Contemporâneos Para o Exército Brasileiro**. Poder Ofensivo no Espaço Cibernético, Brasília, 2019.
2. BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **EB20-MC-10.207: Inteligência**, 2015a.
3. BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **EB20-MC-10.213: Operações de Informação**, 2014.
4. BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **EB70-MC-10.223: Operações**, 2017a.
5. BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **EB70-MC-10.232: Guerra Cibernética**, 2017b.
6. BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **EB70-MC-10.307: Planejamento e Emprego da Inteligência Militar Terrestre**, 2016.
7. EUA, Department of the Army. **FM 2-22.3: Human Intelligence Collector Operations**, 2006.
8. EUA, Department of the Army. **FM 2-91.6: Soldier Surveillance and Reconnaissance: Fundamentals of Tactical Information Collection**, 2007.
9. EUA, Department of the Army. **ST 2-91.6: Small Unit Support to Intelligence**, 2004.
10. EUA, Department of the Army. **Tactical Human Intelligence, Team Leader's Handbook**. 2000.
11. PATTON, Michael S. **ES2: Every Soldier is a Sensor**. 2004. Disponível em: <https://www.ausa.org/sites/default/files/TBIP-2004-ES2-Every-Soldier-is-a-Sensor.pdf>. Acesso em: 21 set 2021.
12. ROMESHA, Clinton. **RED PLATOON**. Editora Dutton: Nova Iorque, 2017.
13. WOLOSZYN, André Luis. **Inteligência Militar: O emprego no Exército Brasileiro e sua evolução**. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 2018.
14. TEIXEIRA, Carlos A. O Combatente e o Ciclo de Inteligência. **Doutrina Militar Terrestre**, Brasília v.1, n.2, p. 41-56, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/13761/O-Combatente-e-o-Ciclo-de-Inteligencia/> Acesso em: 21 set 2021.